

AUTORIA, SUPORTE E LEITURA NA POESIA DE ARNALDO ANTUNES: ESBOÇO DE ANÁLISE

*Antônio FERNANDES JÚNIOR**

Considerações Iniciais

Pode-se dizer que, no contexto de final de século XX, o poeta e compositor Arnaldo Antunes destaca-se no cenário da poesia brasileira de forma muito singular, desenvolvendo uma escritura poética capaz de conciliar suas experiências com a música popular, com a poesia visual e concretista e com as artes visuais. Inclui-se, nesta mistura (que o próprio poeta sempre faz questão de ressaltar), a produção de vídeos, como no trabalho *Nome* (1993), que foi produzido em livro, “CD” e vídeo. Arnaldo Antunes tem mais de cinco livros publicados e uma vasta produção fonográfica, que pode ser dividida em dois momentos: primeiro no grupo de rock Titãs e depois em sua carreira solo, além dos trabalhos em parceria com Marisa Monte, Carlinhos Brown, Nando Reis, dentre outros.

A simultaneidade, seja de sons, imagens e palavras, pode ser considerada uma forma poética recorrente na obra deste poeta. A esta simultaneidade alia-se o experimentalismo lingüístico, recurso que permite ao compositor ora fundir vocábulos procurando um efeito diferente do usual, ora cortá-los, obtendo, assim, outros

* Professor de Literatura Brasileira do Curso de Letras da Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão. Mestre em Letras-Estudos Literários pela Unesp – Campus de Araraquara. Doutorando em Letras-Estudos Literários pela mesma Instituição. Membro do GEADA (Grupo de Estudos em Análise do Discurso de Araraquara).

novos vocábulos formados pela fragmentação de um primeiro. Antunes explora as potencialidades do signo lingüístico, buscando na relação som/silêncio, palavra/imagem ou “tudo ao mesmo tempo agora”, atingir os limites possíveis de captação e subversão do signo. Em um contexto dinâmico, cuja velocidade de informação é cada vez maior, o poeta, ao “penetrar surdamente no reino das palavras” (DRUMMOND), insere a poesia em novos espaços que pedem novos leitores, novos olhares.

A poesia de Arnaldo Antunes pode ser descrita como um tipo de texto que flui por diferentes suportes (a página, o vídeo, o CD, o corpo), pertencentes a diferentes manifestações artísticas, ou, como o próprio autor comentou, suas composições transitam num “interstício de linguagens”, fato que define seu trabalho poético muito mais como um processo dinâmico do que como um objeto propriamente dito (OLIVEIRA, 2001, p. 187).

A alternância de suporte (livro, vídeo ou encarte de CD) permite ao poeta obter diferentes efeitos de sentido de um mesmo poema, pois, além da diferença do suporte, existem as modificações realizadas na materialidade do texto. Nesse deslocamento interno, o poeta altera a disposição gráfica dos poemas, permitindo ao texto re-significar ao mudar de contexto (suporte). Discussão que pretendemos abordar neste estudo.

Outro movimento a ser destacado ocorre quando o poeta transforma um poema em canção, ou seja, retira um poema do livro inserindo-lhe uma melodia; ou, o contrário, quando retira-lhe a parte melódica da canção e a pública em livro, transformando-a em poema.

Esses movimentos caracterizam os poemas de Antunes como uma prática de escritura plural, marcada pelo cruzamento de diferentes textos e do trabalho interno dentro de sua própria obra. Esse processo de criação e recriação

permite ao poeta a possibilidade de experimentação e fusão de diferentes códigos, tanto nos livros quanto nos CDs, fator que afasta critérios rígidos de classificação. Para o estudo que ora se propõe, preocupado com estas questões, discutir-se-á a relação entre texto e suporte e o movimento intertextual entre textos. Como desdobramento destas questões, um rápido enfoque sobre autoria e leitura.

Suporte e Leitura: alguns apontamentos

Goulemot (1996, p. 108), considera que “o livro indica com frequência (ou incita a escolher) o lugar de sua leitura”. Essa afirmação, se acionada para o estudo da poesia de Arnaldo Antunes, oferece perspectivas esclarecedoras sobre possíveis trajetos de leitura da/na poesia do autor em questão, principalmente, pela forma de publicação e republicação de um mesmo texto (ou parte de) em diferentes suportes. Esse movimento entre texto e suporte permite ao poeta obter efeitos de sentido diferenciados, promovendo um diálogo constante entre poemas, canções e produções em vídeo. Nesse emaranhado de linguagens, os textos de Antunes parecem indicar, como um dos “lugares” possíveis de leitura, a relação entre o texto e o seu suporte, bem como a transposição de um poema em canção (e vice-versa).

Leitura do poema “as árvores”

O livro de poesia *As Coisas* (2000), de Antunes, publicado originalmente em 1992, configura-se como um livro, cuja perspectiva lírica, busca falar do mundo e das coisas pelo olhar de uma criança. Esta posição, posição-sujeito, pode ser observada tanto pelos desenhos e imagens que antecedem cada poema, quanto pela temática e pela tessitura dos mesmos. Outro elemento característico deste livro, liga-se a maneira pela qual boa parte dos poemas que o

compõe foram retomados por Antunes em outros livros, vídeo-poesias ou encartes de CD. Esse processo re-escritura dos poemas não é aleatório porque, além de receberem outro suporte (livro, vídeo, CD), os poemas recebem outra configuração gráfico-visual, cortes e/ou acréscimos textuais, conferindo-lhes uma nova roupagem e dimensão semântica.

E nesse “movimento da linguagem que pulsa”, Antunes, em sua poesia, adota diferentes olhares para as coisas e para o mundo. Ora recorrendo aos mais avançados aparatos tecnológicos, ora buscando na simplicidade do desenho e da lógica do pensamento infantil, o poeta cria e re-cria seu universo poético. A poesia de Arnaldo Antunes conta, atualmente, como uma boa recepção no meio acadêmico, embora o seu trabalho como músico tenha mais circulação e alcance de público.

Como ilustração da proposta anunciada, destacamos, para análise, o poema *As Árvores*, publicado no livro *As Coisas* (1992) e o poema-canção *As Árvores*, publicado no encarte de CD *Um Som* (1998). O primeiro estrutura-se em prosa, com frases entrecortadas e traços infantis, tanto na linguagem quanto nas imagens que o acompanham, seguindo os procedimentos de construção parecido com os demais poemas do mesmo livro.



As árvores são fáceis de achar. Ficam plantadas no chão. Mamam do sol pelas folhas e pela terra bebem água. Cantam no vento e recebem a chuva de galhos abertos. Há as que dão frutas e as que dão frutos. As de copa larga e as que habitam esquilos. As que chovem depois da chuva, as cabeludas. As mais jovens; mudas. As árvores ficam paradas. Uma a uma enfileiradas na alameda. Crescem para cima, como as pessoas. Mas nunca se deitam. O céu aceita. Crescem como as pessoas, mas não são soltas nos passos. São maiores mas ocupam menos espaço.

18

Percebe-se nesse poema um forte teor descritivo e associativo. Descritivo em relação ao objeto (as árvores) em questão (“Há as que dão frutos e as que dão frutos”), o posicionamento no espaço (“ficam plantadas no chão”) etc. No campo associativo, “as árvores são comparadas aos seres humanos (“crescem como as pessoas, mas não são soltas nos passos”). Merece destaque a imagem visual conjugada ao poema, desenho ambíguo que parece representar a fusão de uma árvore com traços humanos. Funde-se o corpo de uma árvore com o corpo humano (“cantam no vento e recebem a chuva de galhos abertos”).

O que parece constatações “óbvias” e/ou infantis, inscritos no corpo do poema, ganham novos sentidos e, conseqüentemente, poeticidade. O óbvio perde o status de obviedade e torna-se inusitado. Outro elemento importante para o sentido do poema está ligado ao caráter de objetividade na descrição dos atributos ligados ao elemento “árvore”. Lembra um dos preceitos do paradigma cabralino/concretista, cuja concepção norteadora do

processo de construção da linguagem poética orientava-se para a contenção do impulso lírico. Antunes, como herdeiro destes preceitos, não só neste poema como em boa parte de sua obra, dialoga com essa tendência e dela faz uso.

Mas, se há contenção do impulso lírico nesse poema, o mesmo não se pode dizer em relação ao poema-canção “*As Árvores*”, lançado no CD *Um Som*. A canção surgiu a partir do poema citado acima. No encarte de CD, o texto, que antes fora escrito em prosa, apresenta-se escrito em verso, porém com a supressão de alguns versos (*as que chovem depois da chuva, as cabeludas./As mais jovens; mudas*) e acréscimo de cinco novos versos, inexistentes no poema anterior.

As Árvores

As árvores são fáceis de achar
 Ficam plantadas no chão
 Mamam do céu pelas folhas
 E pela terra
 Também bebem água
 Cantam no vento
 E recebem a chuva de galhos abertos
 Há as que dão frutas
 E as que dão frutos
 As de copa larga
 E as que habitam esquilos
 As árvores ficam paradas
 Uma a uma enfileiradas
 a alameda
 Crescem pra cima como as pessoas
 Mas nunca se deitam
 O céu aceita
 Crescem como as pessoas
 Mas não são soltas nos passos
 São maiores, mas
 Ocupam menos espaço
 Árvore da vida
 Árvore querida

Perdão pelo coração
Que eu desenhei em você
Com o nome do meu amor

Nessa versão, como já salientamos, há o corte de alguns versos e acréscimo de outros, além da perda da imagem visual presente no primeiro. No poema anterior, o tom descritivo dominava no poema, principalmente, pelo caráter de objetividade que, agora, encontra-se permeado de lirismo e subjetividade, materializado nos últimos versos da canção:

Árvore da vida
Árvore querida
Perdão pelo coração
Que eu desenhei em você
Com o nome do meu amor

Contudo, o eixo-chave do poema ainda se mantém presente, ou seja, a relação homem/árvore. Seja pelas associações entre ambos, como, também, pela evocação de um jogo infantil de cravar em troncos de árvores o nome da pessoa amada, deixando uma cicatriz visível por muito tempo.

Nesta estrofe, o sujeito lírico, além de fazer-se presente, efetua um trabalho de memória peculiar, ultrapassando as fronteiras meramente objetivas para registrar, liricamente no poema, ecos de memória e história de inúmeros apaixonados que utilizaram (e utilizam) os troncos das árvores para desenhar corações, e neles, relataram seus amores. E as árvores sempre os receberam e recebem, “de galhos abertos”.

Cada versão do poema, publicada em suportes diferentes, circula de uma determinada maneira na sociedade, sofre alterações na recepção e, conseqüentemente, na leitura. Chartier (1999), ao discutir a

história do livro e da leitura, argumenta que as significações de um texto “não podem separar-se das modalidades materiais que o dão a ler” (p. 105). Para este autor, as revoluções tecnológicas ocorridas ao longo da história alteraram as formas de reprodução do livro, as formas dos suportes e as formas de contato com o(s) leitor(es). Ao chamar a atenção para os aspectos materiais e físicos do livro, tece considerações relevantes para o processo de leitura, mostrando como suporte, texto e leitura estão intimamente ligados.

Antunes, ao acionar função-autor (Foucault), interpreta sua própria obra. Posiciona-se como leitor que se lê e, ao se ler, produz um novo texto, recortando-o e interpretando-o (função-leitor). Cria-se um excedente de saber e/ou visão (exotopia) que, segundo Bakhtin (1997), coloca o autor como “consciência de uma consciência”, ou seja, o outro que vem preencher aquilo que falta.

O autor como leitor: observações

Orlandi (1996) discute que o texto “é um bólido de sentidos”, pois é multidimensional e orienta-se em inúmeras direções, possibilitando diferentes relações do sujeito com a matéria significante. A autora desenvolve o conceito de gesto de interpretação, colocando-o como “o lugar em que se tem a relação do sujeito com a língua”. O gesto de interpretação será orientado de acordo com a pluralidade de matérias significantes (música, pintura, escrita, etc.), direcionando o sujeito e a constituição de sentidos, pois cada tipo de texto promove um tipo de leitura, apontando caminhos diversos. Assim,

qualquer modificação na materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação, compromisso com diferentes posições do sujeito, com diferentes formações discursivas, distintos recortes de

memória, distintas relações com a exterioridade (ORLANDI, 1996, p. 12).

Como já anunciamos, o procedimento de escritura da obra de Arnaldo Antunes caracteriza-se por um trabalho constante de escrita e re-escrita de seus textos, bem como a utilização de diferentes suportes para publicação e circulação dos mesmos. Ao re-publicar um texto de um suporte para outro, o poeta altera a versão anterior (recorta, ilustra etc.), oferecendo uma outra leitura para o texto que, também, torna-se outro. Nesse movimento de leitura interno à própria obra, Antunes coloca seus textos em constante diálogo, resultado de diferentes olhares do autor sobre sua própria obra (gesto de interpretação), compromisso com diferentes posições do sujeito (função autor).

A função-autor, segundo Foucault (1992, p. 46), “é característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade. O princípio de autoria caracteriza-se como uma das funções enunciativas que determinado sujeito pode assumir enquanto produtor de linguagem. Em meio à dispersão de textos e sujeitos, a função-autor deve ser pensada como o princípio de organização, coerência e regularidade de uma determinada prática de escritura, assumida por um sujeito (posição-sujeito) em um processo de enunciação. Um nome de autor exerce um certo papel no discurso, pois permite reagrupar um certo número textos, selecioná-los, colocá-los em oposição, configurando um modo de ser do discurso a quem se pode legitimamente atribuir uma determinada produção. Para Foucault, a diferença entre o nome próprio e o nome de autor consiste no fato de o primeiro transitar do interior de um discurso para o exterior (indivíduo), enquanto o segundo atua na superfície” discursiva, recortando, selecionado e delimitando textos, imprimindo o seu modo de ser, dando coerência e unidade ao texto.

Os suportes são outros e os textos também. Há alterações na materialidade do texto que permitem ao poema re-significar ao mudar de suporte, pois muda, também, a instância enunciativa, compromisso com diferentes posições do sujeito e da instância de autoria. Intertextualmente os textos dialogam e se complementam, podem ser lidos separadamente (autônomos) e no conjunto (complementares).

Considerações Finais

O estudo do suporte e as questões a ele associados (intertextualidade, autoria) configuram-se como dispositivos pertinentes para o estudo da poesia de Antunes. Os exemplos de apropriação, deslocamentos e cortes efetuados por Antunes, no conjunto de seus textos, poderiam ser ampliados, pois, são vários os casos, próximos dos aqui discutidos. Procuramos apontar, de forma introdutória, caminhos que possam, futuramente receber um trabalho mais detalhado e acrescido de outras informações e perspectivas de análise.

Aqui pensado como um dispositivo de interpretação, o estudo da autoria oferece perspectivas teóricas de grande auxílio para a leitura dos poemas de Arnaldo Antunes, que constantemente escreve e re-escreve seus textos, fazendo uso da função-autor, recortando, bordejando as margens e porque não, oferecendo novas pistas ao leitor.

A noção de autoria (função-autor) torna-se um dispositivo de interpretação relevante, pois, assegura a existência de uma marca autoral, um sujeito de linguagem que opera na superfície discursiva, delimitando, recortando e dando ao texto seus nós de coerência (Foucault). Para que a passagem para a autoria seja concretizada, o nome de autor precisa dissociar-se do sujeito empírico, figurando como nome de autor (efeito de letra, sujeito de linguagem). Essa

passagem assegura a circulação dos textos e de sentidos no interior de uma sociedade, não só enquanto circulação, mas por permitir a produção de outros textos.

A obra de Arnaldo Antunes, como já dissemos, caracteriza-se pela exploração de diferentes meios de produção e veiculação de poesia no cenário literário contemporâneo, marcado pela pluralidade de dicções e pela dispersão dos grandes projetos coletivos. Assim, acreditamos que o estudo da obra poética de Arnaldo Antunes apresenta contribuições relevantes para o estudo da poesia pós-moderna, pois apresenta uma constante pesquisa estética, marcada pela experimentação de novas formas de trabalho com o signo lingüístico e com a construção de uma linguagem poética singular. Prática circular em que a obra dobra sobre si mesma, construindo procedimentos de autoria que merecem uma reflexão detalhada.

Para um poeta que “define seu trabalho poético muito mais como um processo dinâmico do que como um objeto propriamente dito”, conforme assegura Oliveira (2001, p. 187), a simultaneidade de suportes, como também os deslocamentos intertextuais efetuados, permitem ao poeta oferecer diferentes perspectivas (verbal/visual/sonora) para seus poemas, explorando, camada por camada, as possibilidades de produção de sentido que um texto pode oferecer.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. 8ª Edição. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2002.

_____. *Um som*. São Paulo: BMG Ariola, 1998.

_____. “O poeta e compositor Arnaldo Antunes fala de seu novo livro de poemas”. In: *CULT – Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo: Ed. Lemos, n 4, novembro de 1997.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. “A morte do autor”. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia Infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

CAVALLO, Guglielmo, CHARTIER, Roger (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental I*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. *A Ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII*. Trad. Mary Del Priori – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. (Org.) *Práticas da Leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. *Autoria e escritura na poesia de Arnaldo Antunes*. In: FERNANDES, C. A., SANTOS, J. B. C. *Análise do discurso. Unidade e Dispersão*. Uberlândia, Entremeios, 2004.

FOUCAULT, Michel. *O Que é um Autor?* Lisboa: Passagem, 1992.

GOULEMOT, Jean M. *Da leitura como produção de sentidos*. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da*

Leitura. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

HOLLANDA, H. Buarque. “Introdução”. In: *Esses poetas: uma antologia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998. p. 9-21

KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. São Paulo, Perspectiva, 1974.

OLIVEIRA, Adriane Rodrigues. “Acordo: movimento e circularidade na poesia de Arnaldo Antunes”. In: CAMARGO, Maria Lúcia de Barros; PEDROSA, Célia (Orgs). *Poesia e contemporaneidade*. Chapecó: Argos, 2001.

ORLANDI, Eni P. “O Trabalho da interpretação”. In: *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: vozes, 1996.

PERRONE-MOISÉS, L. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo, Ática, 1993.

_____. “Literatura comparada, intertexto e antropofagia”. In: *Flores da escrivanhinha*. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

_____. “Prefácio”. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.